

O eixo cultural da Avenida Paulista: a cidade no processo criativo da arquitetura

Eixo temático: O projeto na produção da cidade sul-americana contemporânea.

Conhecida como um dos mais importantes centros empresariais do país, a Avenida Paulista consolidou-se, a partir da década de 1990, como um dos polos culturais (FRUGOLI, 1995) mais dinâmicos de São Paulo. Diferentemente da experiência de cidades que projetaram iniciativas de estímulo ao desenvolvimento econômico com a instalação de grandes equipamentos culturais - como Niterói (1996) e Curitiba (2002), com museus projetados por Oscar Niemeyer, por exemplo-, ou da criação de distritos culturais em zonas de interesse histórico – como os projetos para a região da Luz, em São Paulo, ou para as zonas central e portuária do Rio de Janeiro-, o “território cultural” (VAZ, 2004, 233) consolidado ao longo da Avenida Paulista é fruto de um longo processo de iniciativas públicas, privadas e da própria sociedade.

Desde sua inauguração, em 1891, vem abrigando exemplares dos mais importantes arquitetos paulistas, que ilustram a história das intensas transformações experimentadas pela avenida. Se por um lado essas mudanças refletem a dinâmica de uma cidade “palimpsesto” (TOLEDO, 2004, p. 77), por outro, criaram oportunidades de adequação às novas demandas econômicas e sociais, das quais os arquitetos tiraram grande proveito. Projetada como área residencial da elite cafeeira paulistana, reuniu palacetes projetados por Ramos de Azevedo, Victor Dubugras, Ricardo Severo, Carlos Ekman, etc.; gradativamente substituídos a partir de meados anos 1950, quando foi se convertendo em centro financeiro e passou a exibir as experiências da verticalização propostas por Rino Levi, David Libeskind, Aberlado de Souza, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Croce, Aflalo & Gasperini entre outros (SEGAWA, 1985).

Talvez esse ambiente tenha contribuído para atrair as muitas iniciativas culturais que aí se implantaram a partir da I Bienal Internacional de Artes Plásticas em 1951 no Parque Trianon, que cedeu lugar ao MASP, de Lina Bo Bardi, inaugurado em 1968 e se tornou a grande referência de museu e de manifestações públicas da cidade. Posteriormente, vieram a Casa das Rosas (1991), centro de cultura instalado em um palacete projetado por Ramos de Azevedo nos anos 1930; o instituto Itaú Cultural (1995), de Ernest Mange; o centro Cultural da FIESP (1996), intervenção de Paulo Mendes da Rocha no térreo do edifício sede da instituição, projetado pelo escritório de Rino Levi; o Instituto Moreira Salles, de Andrade e Morettin (2017); a Japan House (2017), do arquiteto japonês Kengo Kuma; e mais recentemente o SESC Paulista (2018), de Königsberger e Vannucchi; sem contar seus diversos teatros, cinemas e livrarias. Atualmente, o fechamento da avenida aos domingos reforça a apropriação pública e seu caráter cultural.

A trajetória de transformações experimentadas pela avenida revela um processo em que os arquitetos tiveram papel preponderante, estabelecendo fortes relações com a cultura urbana e as pré-existências, interferindo em questões funcionais, técnicas e estéticas. Atualmente, projetar para a Avenida Paulista significa equilibrar-se entre a garantia de visibilidade e a responsabilidade de criar algo à altura de sua tradição arquitetônica.

Com base nisso, a comunicação propõe analisar os processos criativos que originaram esses equipamentos culturais e as relações que estabelecem com a avenida, permitindo vislumbrar a

sua importância como referência histórica. Entende-se, portanto, que essa relação entre arquitetura e cidade pode ser um forte argumento para a perscrutação das obras, a partir das principais questões abordadas e as respostas oferecidas pelos arquitetos.

Palavras-chaves: Avenida Paulista, eixo cultural, equipamentos culturais.

Referências:

FRÚGOLI JR., H. As atividades culturais no eixo da Avenida Paulista. **Relatório de Pesquisa EAESP/FGV/NPP**. São Paulo: FGV, nº 6 /1995, 2-32.

SEGAWA, H. On Paulista, off Paulista (à maneira da Broadway). **Projeto**. São Paulo: Arco Editorial, n.78, 1985, p. 60-65.

TOLEDO, B. L. **São Paulo: três cidades em um século**. 3. Ed. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.

VAZ, L. F. O papel dos equipamentos culturais na revitalização urbana. In: GUIMARAENS, C.; KESSEL, C.; SANTOS; A. C. M. (org.). **Seminário Internacional "Museus e Cidades"**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004, p. 225-237.